

José van den Besselaar*

As Trovas do Bandarra

Quase tudo o que se sabe com certeza da vida de Gonçalo Anes Bandarra consta do seu processo inquisitorial, publicado por Teófilo Braga na sua *História de Camões* (t. I, Porto 1873). Ele deve ter nascido por volta de 1500 na vila de Trancoso, que foi também terra natal de outro autor popular seiscentista: Gonçalo Fernandes Trancoso, que cativou muitas gerações de leitores portugueses com os seus edificantes *Contos de Histórias de Proveito e Exemplo*.

Antes da publicação do seu processo, julgava-se que ele era pobre e de origem muito modesta. Mas na sua declaração ao Tribunal lemos que «fora rico e abastado, mas que queria mais sua pobreza em dizer a verdade e o que cumpria à sua consciência, que não dizer outra cousa». Também se julgava que o sapateiro não sabia ler nem escrever, mas que ditava as suas profecias ao Padre Gabriel João de Trancoso, o qual seria o seu amanuense, tal como o fora Baruch do profeta Jeremias. Era assim que se interpretava uma das suas trovas (aliás, inautênticas) do seu chamado «Terceiro Corpo»:

Eu componho, mas não ponho
as letrinhas no papel,
que o devoto Gabriel
vai riscando quanto eu sonho.

Hoje se sabe que Bandarra não era nenhum analfabeto. Ele mantinha correspondência com várias pessoas do Reino, entre

as quais se achavam figuras importantes, tal como o Dr. Francisco Mendes, médico do Cardeal-Infante D. Afonso. Ele lia e relia a «Brívia» (=Bíblia) em linguagem, sem dúvida, um texto manuscrito, que tomara emprestado a um certo João Gomes de Gião e tivera uns oito anos em casa. Dotado de uma memória fidelíssima, sabia de cor longos trechos dos Livros Sagrados, sobretudo dos profetas do Velho Testamento. Quando, depois de restituído o livro ao seu dono, lhe acontecia que já não se lembrava de um texto bíblico, consultava o Dr. Álvaro Cardoso ou o clérigo Bartolomeu Rodrigues que tinham uma Bíblia latina e lhe refrescavam a memória. Assim ele acabou passando por oráculo em assuntos bíblicos, sobretudo entre os cristãos-novos, que eram muito numerosos na Beira.

O sapateiro devia ter também conhecimento das profecias atribuídas a Santo Isidoro, através das *Coplas* do cartuxo castelhano Pedro de Frias e outros versejadores espanhóis. Sabemos que o já referido Dr. Francisco Mendes o consultou sobre a interpretação de uma trova de Pedro de Fritas. Estas coplas castelhanas compenetravam-no da vinda de um Rei Encoberto, predestinado para desbaratar o Império Otomano e estabelecer a Monarquia Mundial, — o antigo sonho de tantos joaquimistas no fim da Idade Média. É muito provável que Bandarra chegasse à ideia de compor as suas trovas, tomando por modelo as coplas do país vizinho. Era um homem extraordinário, que aliava a uma memória fabulosa o talento de fazer com facilidade versos populares.

As suas profecias rimadas, muito mais bíblicas e também mais patrióticas do que os seus modelos espanhóis, foram-se rapidamente divulgando pelo país, e não tardaram a encontrar leitores na capital do Reino. Os cristãos-novos, que já antes o tinham consultado como uma espécie de rabi, passaram agora a venerá-lo como um profeta solidário com eles nas suas esperanças messiânicas. Sabemos que Bandarra, por duas vezes, se deteve por algum tempo em Lisboa (ca. 1531 e em 1539), onde era muito procurado pela gente da nação. Tal alvoroço devia despertar as suspeitas da Inquisição recém-estabelecida. Bandarra foi preso e levado para Lisboa (1540). A Mesa ouviu diversas testemunhas e impôs-lhe (3 de Outubro de 1541) um castigo relativamente brando: o de abjurar solenemente as suas trovas na procissão do auto-da-fé do dia 23 do mesmo mês. Pela sentença se pode ver que Bandarra não foi acusado de judaísmo, nem sequer passava por cristão-novo. O que se lhe imputava era causar alvoroço entre os cristãos-novos com as suas trovas, que eles tendiam a interpretar em sentido judaico;



«Gonçalo Anes Bandarra»
(gravura do rosto da edição de
1603 da *Paráfrase*, de D. João de
Castro)

além disso, causava suspeita que ele, homem «sem letras», se arvorava em intérprete da Sagrada Escritura.

A partir de 1541 não se ouve mais nada do sapateiro de Trancoso. Segundo uma opinião muito divulgada, ele teria falecido por volta de 1550. Mas, como já observou Diogo Barbosa Machado na sua *Biblioteca Lusitana*, a data da sua morte deve ser posterior a 1556, porque a 23 de Março deste ano foi confirmado na dignidade episcopal D. João de Portugal, bispo nomeado da Guarda. Foi a ele que Bandarra enviou um exemplar das suas *Trovas*, precedidas de uma dedicatória elogiosa. Se aceitarmos a dedicatória como autêntica — e creio que há motivos para impugná-la —, devemos concluir que o profetizador, uns quinze anos depois da solene abjuração das suas trovas, no foro íntimo ainda acreditava nelas, e que o bispo da Guarda, que tinha um carácter independente e não fugia a brigas com ninguém, se dignou aceitá-las.

Bandarra morreu, mas não lhe morreram as trovas. Aliás, já na vida do autor sabemos que «se enchera a terra das ditas trovas» (como lemos no processo), e a difusão das profecias continuava depois da morte do profeta, apesar da ordem do Santo Ofício de as apresentar ao tribunal. Os meninos da Beira aprendiam a ler pelos toscos versos do sapateiro de Trancoso. No início do século XVII, D. João de Castro escreve assim:

Ora, como fossem infinitos os traslados que delas [sc. das trovas] têm corrido té ao presente, andam mui cheas de erros por muitas causas. Primeiramente, por se não começarem a dar a elas senão pessoas idiotas [=de pouca cultura], que nenhua certeza guardam no trasladar; e pelo cardume grande que ummente a gente houve de cópias, espalhadas principalmente pela Beira, onde comnã é muito polida nem atentada no escrever. Além disto, como eram tão escuras e não as veneravam por profecias, dando-se a elas por não sei que curiosidade ou mistério secreto, não lhes dava nada errar em nas [sic], trasladando-as uns de meas, outros deixando versos ou palavras, e metendo em seu lugar outras, ou trespondo-as como cada um queria, com haver nunca quem emprendesse apurá-las, por se não darem por achados delas os homens doutos ou de alguma opinião, polas terem por patranhas e correrem-se de lhe nelas falarem.

Nestes termos D. João de Castro se queixava do mau estado

das cópias das trovas, lastimando que os intelectuais de Portugal, neste assunto, não se dessem por achados. Ele não tinha nenhuma inibição de testemunhar publicamente a sua grande veneração pelo profeta de Trancoso. Fez imprimir uma grande parte das profecias rimadas, julgando-as de um comentário ignas erudito. Para ele, o grande assunto do Bandarra era D. Sebastião, que, depois da sua derrota em Marrocos teria sido perseguido e encarcerado pelos Castelhanos em Itália por volta de 1600. D. Sebastião vivia ainda, e havia de aparecer. O autor tinha-o visto em Veneza humilhado e desprezado, mas esperava tornar a vê-lo triunfante e glorioso. Além de ser o pai do sebastianismo ortodoxo, D. João de Castro merece também o título de ser o primeiro exegeta erudito das trovas do Bandarra.

Depois da sua morte (1625) interromperam-se, durante algum tempo, os comentários eruditos. Entre os vaticínios alegados pelo astrólogo português Manuel Bocarro, messianista famoso, mas pouco estudado, não ocorrem as trovas do Bandarra. Mas o bandarrismo popular não morreu. Pelo contrário, fomentado pelo clero português, o prestígio do profeta de Trancoso foi crescendo com as humilhações cada vez piores da pátria. Centenas de leitores procuravam nas trovas motivos de consolo e esperança. Elas eram leitura proibida, incluídas como estavam, desde 1581, no «Catálogo dos Livros Proibidos», mas o anátema, em vez de amedrontar os leitores, excitava-lhes a curiosidade.

Em fins do terceiro decénio do século XVII, as esperanças na libertação nacional começavam a concretizar-se na pessoa de D. João, o então Duque de Bragança. Conformemente, as trovas do Bandarra passavam a ser estudadas e interpretadas numa perspectiva bragantina. Eram sobretudo os seguintes versos que aos Restauradores pareciam carregados de um profundo significado profético:

Já o tempo desejado é chegado, segundo o firmal assenta. Já se cerram os quarenta, que se ementa por um Doutor já passado.	O Rei novo é alevantado, já dá brado, já assoma a sua bandeira contra a Grifa parideira, lagomeira, que tais prados tem gostado.
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Saia, saia esse Infante
bem andante!
O seu nome é Dom João!

É verdade que D. João de Castro, no seu comentário de 1603, em vez de «quarenta», lera «oitenta» ou «noventa», e em vez

de «Dom João», defendera a lição «Dom Foão». Mas as novas lições, além de confirmadas por algumas (muitas?) cópias, tinham a grande vantagem de se acomodar perfeitamente à Aclamação de D. João IV no dia 1 de Dezembro de 1640, quando «já se cerravam os quarenta». Ele era Rei novo e «alevantado» (=aclamado), que desfraldou a bandeira lusitana, marchando contra «a Grifa parideira», que era a Casa de Habsburgo, proverbialmente conhecida por causa dos seus casamentos proveitosos. Parecia aos Restauradores que Bandarra profetizara a Aclamação e até com alguns pormenores notáveis. Assim ele ficou incluído na lista dos profetas que tinham cantado as futuras glórias de Portugal. Aí o sapateiro estava em boa companhia, vendo-se cercado de grandes figuras, tais como um Santo Isidoro, um São Bernardo de Claraval, um São Frei Gil, um São Francisco, e muitos outros.

A interpretação sebastianista do Encoberto cedera a uma interpretação nitidamente joanista. António Vieira foi o grande porta-voz desta corrente. Porta-voz, e dos mais pertinazes, mas não inventor. A nova interpretação das trovas já existia, quando Vieira, na Primavera de 1641, regressou à metrópole. O país restaurado embriagava-se do bandarrismo joanista ou joanismo bandarrista, exaltação essa que se havia de prolongar por mais de dez anos. O nome do Bandarra ressoava em sermões e poemas, os seus vaticínios eram citados em obras de propaganda, em tratados eruditos, e até em petições oficiais dirigidas à Santa Sé. Ao sapateiro se fez uma rica sepultura de pedra, na igreja de São Pedro de Trancoso, lavrada com este letreiro: «Aqui jaz Gonçalianes Bandarra, natural desta Vila, que profetizou a Restauração deste Reino, e que havia de ser no ano de 1640 por el-Rei D. João IV, nosso Senhor, que hoje reina. Faleceu na era de 1545». No aniversário da Aclamação, a imagem do Bandarra estava exposta no altar-mor da Sé de Lisboa, como se faria a um santo. Alguns anos depois, D. João IV deu uma capela de muito boa renda a um certo Miguel Dias, descendente do Bandarra.

Contudo, ainda não existia uma edição completa das trovas do Bandarra. O livro publicado por D. João de Castro em Paris (1603) continha apenas uma parte das profecias, que andavam explicadas em sentido sebastianista, agora obsoleto. Urgia apresentar ao público uma edição de todas as trovas em que se frisasse a actualidade do profeta. A edição saiu em 1644 em Nantes, sob o patrocínio do Conde da Vidigueira, então embaixador de Portugal em Paris.

É um livrinho hoje extremamente raro: não existe, quanto eu

saiba, em nenhuma biblioteca pública de Lisboa. João Lúcio de Azevedo, o benemérito estudioso do sebastianismo e bandarrismo, nunca conseguiu vê-lo, devendo contentar-se com uma edição do século XIX (Porto, 1866). Existe na Biblioteca da Universidade de Coimbra, onde ainda não figura no Catálogo Geral (cota V.T. 17.8.5). Graças a um gesto amável do ilustre sr. Professor Doutor Aníbal Pinto de Castro, disponho agora de um microfilme deste livro precioso.

O opúsculo traz, no frontispício, este título:

TROVAS
DO
BANDARRA

*Apuradas e impressas, por ordem de
hum grande Senhor de Portugal.*

Offereçidas aos verdadeiros Portugueses,
devotos do Encuberto.

EM NANTES.

Por GVILLELMO DE MONNIER,

Impressor del Rey.

M.DC.XXXXVIII.

A modo de introdução lemos nas primeiras páginas: «Aos verdadeiros Portugueses, devotos do Encuberto». É uma Introdução que defende a interpretação joanista das trovas, com exclusão da sebastianista. Depois se segue o texto das trovas, repartidas entre 159 estrofes. E, finalmente, vem um Posfácio: «A quem ler», no qual se dão umas notícias sobre Bandarra, suas trovas e o mau estado em que andavam copiadas, e se chama a atenção para a misteriosa circunstância de que os acontecimentos ensinaram que a lição autêntica era *Dom João*, e não *Dom Foão*: «os mais antigos usavam de hua letra I que parecia ser a letra F. Quis Deus por nosso bem que no ler houvesse deferenças [sic].» No Posfácio lemos também uma discreta alusão às esperanças lusitanas de que D. João IV será o prometido Monarca Mundial: «Muito se pode sentir, mas nem tudo se pode dizer, particularmente em matérias que pedem aprovação do Supremo Tribunal».

A Introdução e o Posfácio parecem-me o trabalho do mesmo autor. Julgo muito provável, embora difícil de provar, que os dois



Pretensa retrato do Bandarra em que se pode distinguir, manuscrito, o título Profecias, no livro desenhado em primeiro plano. A própria identificação do quadro como sendo do Bandarra inscreve-se numa tira de papel colada no manuscrito. Trata-se de uma evidente adaptação de um retrato de uma qualquer personagem sua contemporânea.

textos sejam os produtos da pena do frade dominicano Frei Manuel Homem, autor do tratado joanista *Ressurreição de Portugal*, e *Morte fatal de Castela* (Nantes, 1645). O frade estava naquele tempo na França, onde acompanhava o Marquês de Cascais numa viagem diplomática.

A edição de 1644, que diverge em muitos pontos do texto adoptado por D. João de Castro na sua edição de 1603, foi o modelo directo ou indirecto de todas as edições posteriores, chegando a ser a «Vulgata» do Bandarra. Ela está longe de perfeita, apresentando umas lições absurdas, como, p. ex., *Got e Magot*, em lugar de *Gog e Magog* (trova 128), lições reproduzidas pelas edições posteriores. Também é discutível a sua estruturação de algumas trovas excessivamente longas (p. ex., trovas 87 e 99), que, na minha opinião, poderiam ser melhor divididas em estrofes mais curtas. Mais grave é a organização deficiente dos três *Sonhos*, em que se dividem as profecias do Bandarra, sobretudo, do *Sonho Primeiro*. Não quero entrar aqui na discussão destes assuntos muito técnicos, reservando-a para outra ocasião. Só quero dizer que, levando-se em consideração a génese totalmente descontrolada das colecções das trovas, a edição de 1644, apesar de todas as suas deficiências, tem certa coerência, dando mostras da seriedade dos editores. A reconstrução da obra original é hoje em dia impossível, o que não quer dizer que se não possam fazer umas emendas incidentais mediante um estudo minucioso do texto, tal como foi transmitido por diversos manuscritos ainda conservados.

O texto das trovas proféticas vem precedido da já referida *Dedicatória* (rimada) a D João de Portugal, bispo da Guarda. Ela compõe-se de 16 quadras (não numeradas), em que Bandarra, não sem graça, compara as suas profecias com os produtos do seu ofício de sapateiro. A ela se segue um conjunto de 16 quadras (estas numeradas), no qual Bandarra, nas pegadas dos profetas de Israel, lamenta e vitupera as depravações da sua época: «Sente Bandarra as maldades do mundo, e particularmente as de Portugal» (como diz uma rubrica, acrescentada pelo editor). E quais são as maldades sentidas pelo Bandarra? O clero usa de simonia, os juizes são venais, os fidalgos ostentam títulos comprados, as autoridades não têm a coragem de agir e reagir, e as mulheres são frívolas e levianas.

Em seguida, vem a matéria profética propriamente dita. Ela reparte-se entre 143 trovas (17 a 159), que apresentam uma grande variedade de extensão. Quase a metade delas (67 das 143) é constituída por quadras de estrutura rimática muito regular (A B B A). As outras são muito variadas. Ao lado de duas

parelhas (27 e 61) e um terceto (84), encontramos diversas quintilhas, sextilhas e oitavas. Na parte central do opúsculo ocorrem várias estrofes muito longas: algumas delas têm dez, onze ou doze versos, e a trova 99 chega a ter dezassete versos. Quanto mais longas as estrofes, mais irregular se torna o esquema rimático.

O editor de 1644 faz começar o *Sonho Primeiro* com as duas seguintes trovas:

Vejo, vejo, direi, vejo, agora que estou sonhando, semente del-Rei Fernando fazer um grande despejo.	E seguir com grão desejo, e deixar a sua vinha, e dizer: «Esta casa é minha agora que cá me vejo!»
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Estas duas trovas deram lugar aos comentários mais diversos. O Encoberto conquistará a Casa Santa de Jerusalém, seja ele D. Sebastião (como pensa D. João de Castro), seja D. João IV (como diz Vieira em 1659), porque ambos são «sementes» do Rei Fernando o Católico. Mas em 1665, Vieira interpretará «despejo» como «desvergonha»: Filipe II teve a grande desvergonha de se assenhorear ilegítimamente de Portugal. Estes exemplos bastam para ilustrar como o texto do Bandarra se prestava a inúmeras explicações, como, aliás, era o caso de todos os textos proféticos.

Depois, sem muita conexão com o que precede, se descrevem os cuidados e tormentos do Pastor-Mor (=o Papa), que, vendo perseguidas as suas ovelhas pelos lobos, alerta os seus «pegureiros» (=príncipes católicos), cada um dos quais vem a ser apresentado ao leitor com uma breve característica. Afugentados os lobos, organiza-se um baile campestre, precedido de um vivo diálogo entre os pastores. Este episódio pastoril tem muitos passos obscuros, cuja exposição excederia os limites deste modesto ensaio.

As profecias tornam-se mais claras a partir da trova 58, onde o autor começa a exaltar as excelências de Portugal: dos seus reis, do seu nome («Portugal é nome inteiro,/nome de macho, se queres./Os outros reinos, mulheres,/ com ferro sem azeiro»), da sua bandeira, do seu Império. Tudo isso serve para introduzir as grandes façanhas do Encoberto, sobretudo a conquista da África. O «Caaba», o grande santuário de Meca, coberto com um brocado precioso, será forçado a entregar-se ao Monarca português:

A Lua dará grão baixa,
segundo o que se vê nela,
e os que têm lei com ela,
porque se acaba a taixa.

Abrir-se-á aquela caixa,
que até agora foi cerrada
entregar-se-á à forçada,
envolta na sua faixa.

Outro episódio do *Sonho Primeiro* (trovas 82 a 84) introduz dois judeus, representantes das tribos perdidas de Israel: Fraim e Dão. Eles procuram Fernando (nome pastoril do Encoberto), pedindo-lhe que os apresente ao Pastor-Mor e oferecendo-lhe dinheiro.

A parte final do *Sonho Primeiro* (trovas 85 a 93) torna a falar do Encoberto e dos seus triunfos sobre os infiéis. É nela que encontramos os versos já referidos, que consagraram o Bandarra como profeta da Restauração.

O *Sonho Segundo* compõe-se de 15 trovas (94 a 108), geralmente, muito longas, e não tem subdivisões. Nele o profeta de Trancoso reenceta o seu grande tema, que é cantar os louvores do Encoberto, por vezes, em termos muito semelhantes aos que ocorrem no *Sonho* anterior. Mas, ao passo que ali a empresa africana era salientada, parece que aqui o autor tem em vista a derrota do Turco nas terras do Levante. Ele realça também a aliança do Encoberto com o Papa. O *Sonho* termina com esta trova:

Muitos podem responder
e dizer:
Com que prova o sapateiro
fazer isto verdadeiro,
ou como isto pode ser?

Logo quero responder,
sem me deter:
«Se lerdes as profecias
de Daniel e Jeremias,
por Esdras o podeis ver».

O *Sonho Terceiro* abrange 45 trovas (109 a 153), que são, na grande maioria, quadras. Divide-se em duas secções. Na primeira, Bandarra descreve o feliz regresso das dez tribos de Israel, de que já falou no *Sonho Primeiro*. Segundo a lenda medieval, elas viviam perto do Mar Cáspio, encerradas por altas montanhas e rios caudalosos, mas haviam de aparecer milagrosamente nos tempos derradeiros. Uns imaginavam-nos como horríveis bárbaros e canibais, aliados monstruosos do Anticristo; outros, como gente purificada pelo seu longo exílio, inocente no deicídio dos seus irmãos palestinianos e disposta a reconhecer Jesus Cristo como o verdadeiro Messias. Bandarra, o amigo dos cristãos-novos, opta pela segunda versão, e vê nas tribos regressadas os futuros colaboradores do Encoberto.

A segunda secção tem por rubrica: «Reposta do Bandarra e algumas perguntas que lhe fizerão, e da reposta dellas se conhece quais forão». Eu por mim devo confessar que muitas vezes não consigo reconhecer as perguntas pelas respostas, e que diversas trovas da parte final continuam mistérios impenetráveis para mim. Pelo que as percebo, julgo poder dizer que nela alternam visões de futuras felicidades e catástrofes com profecias muito enigmáticas sobre o tempo em que se hão-de cumprir. Alego aqui duas quadras (156 e 157), que exaltam a harmonia universal no Quinto Império:

Todos terão um amor, gentios como pagãos; os judeus serão cristãos, sem jamais haver error.	Servirão um só Senhor, Jesu Cristo que nomeo; todos crerão que já veo o Ungido Salvador.
------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------

Tal é, em linhas gerais e com preterição de inúmeros pormenores, o conteúdo das trovas do Bandarra. O sentido fundamental das profecias não é problemático: Portugal dará ao mundo o grande Rei Encoberto, identificado pelo autor, sem dúvida, com a figura de D. João III, mas pelo editor de 1644, com D. João IV. Este desbaratará os exércitos dos Turcos na África, na Terra Santa e em Constantinopla; será coroado Imperador e inaugurará, juntamente com o Papa, a Monarquia Universal, na qual todos os povos e todas as religiões e culturas se submeterão à Lei de Cristo. Os traços essenciais desta visão escatológica são os do joaquimismo do fim da Idade Média, o qual — diga-se de passagem — tem muito pouco a ver com a doutrina autêntica do abade calabrês.

Aqui se impõe uma comparação entre as *Trovas* do Bandarra e as *Centuries* do seu contemporâneo Nostradamus. O sapateiro de Trancoso é um modelo de clareza, comparado com o médico-astrólogo de Salon. Os passos obscuros das *Trovas* tornam-se compreensíveis, pelo menos, em princípio, para quem tem a paciência de estudar a tradição joaquimista, sobretudo, na Península, — um campo de investigação que está por desbravar ainda. As *Centuries* estão redigidas num Francês (propositadamente?) desajeitado, cuja compreensão vem a ser dificultada ainda pelo emprego de elementos hebraicos, gregos e latinos, e por numerosas alusões eruditas ao movimento dos astros, a particularidades geográficas, históricas e políticas. Nostradamus é um autor sofisticado, ao passo que Bandarra é escritor de versos «toscos», mas simples. Ainda outra diferença parece-me importante. As *Centuries* constituem uma longa série

de vaticínios sobre acontecimentos isolados (geralmente, de carácter calamitoso), sem que neles se consiga descobrir uma mensagem central: não abrem nenhuma perspectiva no terreno da religião, da sociedade ou da política, nem são capazes de incentivar uma acção colectiva. Só excitam a curiosidade de uns indivíduos inclinados ao hermetismo. Os Portugueses não têm nenhum motivo para se sentir inferiorizados com o seu Bandarra. Ele parece-me um profeta mais sincero, mais *engagé* e mais respeitável do que o seu colega francês.

É do conhecimento de todos que António Vieira tinha uma grande veneração pelas trovas do Bandarra. Uma veneração que, a meu ver, se relacionava com o grande papel que o sapateiro de Trancoso reservara para os judeus na construção do Quinto Império. Em 1659, o jesuíta, à data missionário no Maranhão, escrevia uma longa carta ao seu confrade D. André Fernandes, em que sustentava a tese extravagante da ressurreição de D. João IV, baseando-a neste silogismo verdadeiramente espantoso:

O Bandarra é verdadeiro profeta.

O Bandarra profetizou que el-Rei D. João o 4.º há-de obrar muitas cousas que ainda não obrou nem pode obrar senão ressuscitando.

Logo, el-Rei D. João o 4.º há-de ressuscitar.

A tese de Vieira causou grande escândalo. Em primeiro lugar, entre aqueles sebastianistas irredutíveis que não tinham nenhum desejo de ver ressuscitado D. João IV, mas teimavam em esperar pela vinda de D. Sebastião. Dois deles pegaram na pena para impugnar a tese do jesuíta, reconhecendo que o Bandarra predissera a Aclamação de 1640, mas negando que o rei aclamado fosse idêntico ao Rei Encoberto. Os dois papéis são anónimos e até hoje inéditos; serão publicados em 1986 pela «Biblioteca Nacional» de Lisboa, munidos de um comentário meu. Em segundo lugar, entre os senhores inquisidores, aos quais a proposição maior do silogismo («o Bandarra é verdadeiro profeta») dava azo para perseguir o autor duma «tese temerária, ímpia e ofensiva de ouvidos piedosos». Eles conseguiram o seu fim depois do regresso de Vieira à metrópole. Mas esta história é tão conhecida que não temos que ocupar-nos com ela.

Parece que no reinado de D. Pedro II o bandarrismo foi diminuindo, mas podemos notar que na época de D. João V ele renasceu com novo vigor. O governo do «Príncipe Magnânimo» decepionava muitas pessoas, sobretudo, as do povo miúdo,

que pouco ou nada partilhavam do rio de ouro que vinha do Brasil. Decepcionava também a seita dos sebastianistas, que se tinha aquietado no reinado anterior, mas sempre continuava a existir: eles, em vez de serem incentivados pelo monarca a empreender as grandes façanhas prometidas na África e no Oriente, viam-se por ele convidados a embasbacar-se na ostentação de um luxo absurdo.

Bandarra renasceu. Um Bandarra adaptado às novas circunstâncias e à nova mentalidade; menos bíblico, menos patriótico, menos heróico, mas mais social e mais moralista. Criaram-se o segundo e o terceiro Corpo das Trovas do Bandarra. Para quem conhece a história do profetismo o fenómeno é comum: uma vez existindo uma colecção de profecias escritas por um autor prestigioso, uma geração posterior chega facilmente a forjar novas profecias, modeladas sobre as antigas, atribuindo-as sem escrúpulos ao profeta de aceitação geral. É o meio mais seguro para as recomendar ao público sempre ávido de ouvir as últimas novidades em matéria profética.

O *Segundo* Corpo compõe-se de 25 quadras, «extraídas» (segundo se lê na edição do Bandarra de 1809) «de uma cópia que o Cardial Nuno da Cunha deu ao P. Frei Francisco de Almeida» e declaradas «por antiga memória muito autêntica serem do mesmo Bandarra». Elas referem-se à construção do palácio-convento de Mafra, cujo nome não se menciona de modo explícito, mas adivinha-se facilmente pelas estrofes seguintes:

Entre montes muito altos está uma casa sagrada. Não quero olhar mais nada: vou pregando os meus saltos.	Cinco letras tem o nome, e duas da mesma casta. Olhe cada um o que gasta para não morrer de fome.
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Com o troquês [torquês] puxo o coiro,
com a cera encero a linha.
Gasta-se todo o tisouro
para abrir novo caminho.

O poeta descreve a miséria dos pobres trabalhadores, e o luxo dos ricos:

Vejo posta toda a gente trabalhando sem comer. Vejo os mortos a correr, e os vivos jazer somente.	O pobre morrendo à míngua. Outros têm a arca cheia. Chove na praça e na areia, como água de seringa.
------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Mas não tardará a aparecer o Encoberto. Este, indignado com o fasto e a falsa religiosidade de D. João V, entrará no Templo

e, vestindo o burel dos monges, a todos dará exemplo de uma vida sóbria humilde e verdadeiramente cristã:

Abre-se a porta do Templo,
entra o cordeiro fiel,
veste da casa o burel,
dá a todos grande exemplo.

Aqui o Encoberto já não é representado como o grande conquistador dos países muçulmanos, mas como um monge abnegado.

No reinado de D. João V foi descoberto também o chamado *Terceiro Corpo* das trovas do bandararra. Descobriu-se «por ocasião de se desfazer a parede da capela-mor [da igreja de São Pedro de Vila de Trancoso], em 6 de Agosto de 1729. [As trovas] eram escritas em pergaminho em 1532 por letra do P.^e Gabriel João, da dita Vila de Trancoso...». Assim lemos na edição de Londres (1809).

Aqui encontramos, pela primeira vez, a figura do Padre Gabriel João como secretário do Bandararra. Ele não desempenha nenhum papel nas trovas autênticas, nem é mencionado nos autos do processo inquisitorial do profeta de Trancoso.

Ao passo que o *Segundo Corpo*, sem dúvida, por causa do seu assunto muito restrito, não encontrou muitos comentadores, o *Terceiro Corpo* tornou-se a nova Bíblia dos sebastianistas, que por ela se deixaram guiar na sua interpretação das reformas impostas pelo Marquês de Pombal, das guerras napoleónicas e das lutas entre os absolutistas e liberais. No século XIX, o opúsculo ficou incluído nas edições de Londres (pretensamente, de Barcelona, 1809), Lisboa (1822) e Porto (1866), e teve três edições avulsas, guarnecidas de um amplo comentário (Londres, 1810; Lisboa, 1823; Porto, 1852). A última dessas edições, que é da autoria de Frei António do Carmo Velho de Barbosa, marca também o fim dos comentários que tratam as trovas como profecias.

O *Terceiro Corpo* abrange 37 quadras, repartidas entre uma «Introdução» de sete trovas, e seis breves «Sonhos». Estes estão redigidos em linguagem muito enigmática, que constitui um desafio para a perspicácia dos intérpretes. Até agora não foram submetidos a um exame filológico e histórico. É uma pena, porque tal exame nos poderia fornecer material ilustrativo do que passava pelo mundo dos sebastianistas entre 1730 e 1850. O escopo do presente trabalho não me permite entrar a fundo nas diversas especulações que se fizeram a propósito desses

oráculos sibilinos. Devo limitar-me a assinalar dois ou três pontos.

O «Sonho Primeiro» da colecção contém duas profecias *post factum*, bem como uma profecia que, para o vidente de 1729, ainda devia cumprir-se. A primeira trata do «mausoléu» que D. Álvaro de Abranches, natural de Vila Franca («do pé do Tejo»), na sua qualidade de governador das armas da Beira, em 1641 ergueu ao sapateiro de Trancoso, ornando-lhe o túmulo com os atributos próprios do seu ofício e com o epitáfio que já transcrevi acima. A segunda refere-se à ordem dada pelo «Presbítero Maior» (= D. Veríssimo de Lencastre, inquisidor-geral desde 1683) para se demolir a obra e riscar o epitáfio. A terceira prediz que «o primor» há-de surgir de novo, — o que aconteceu, embora em forma muito mais simples. Eis as três trovas de que se compõe o «Sonho Primeiro»:

Vejo, mas não sei se vejo:	Formas, cabos e sovelas,
o certo é que me cheira	lavradinhas com primor,
que me vem honrar à Beira	mandareis abrir, Senhor.
um Grande do pé do Tejo.	Muitos folgarão de vê-las.

Mas, ai! que já vejo vir
o Presbítero Maior
a riscar todo o primor,
que outra vez há-de surgir.

O profeta de 1729 sonha ainda com a Ilha Encoberta, donde há-de vir Dom Sebastião:

Este sonho que sonhei
é verdade muito certa,
que lá da Ilha Encoberta
vos há-de chegar este Rei.

Para certos liberais do século XIX, a Ilha Encoberta era o Brasil, donde viria (ou já viera) D. Pedro IV, o Libertador; para os aderentes à Vila-Francada de 1823, era D. João VI, igualmente vindo do Brasil: «ele devia pôr termo e fim à Revolução», como diz um exegeta piedoso no ano de 1823.

O Encoberto seria um Rei Quarto (IV) ou Sexto (VI) do nome, como se julgava poder ler em outra trova:

Põe um A pernas acima,
tira-lhe a risca do meio,
e por detrás lha arrima!
Saberás quem te nomeio.

Com efeito, a letra A submetida às operações prescritas poderá dar por resultado a sua metamorfose em IV (D. Pedro IV) ou em VI (D. João VI). Mas cumpre notarmos que, no século XVIII, a trova era aplicada a D. João IV o Restaurador, e, por volta de 1800, à letra inicial de Napoleão. Os bandarristas excediam na arte de resolver os enigmas mais difíceis, variando-lhes a solução de acordo com os seus desejos e anseios pessoais.

A maior parte dos exegetas novecentistas já não são sebastianistas no sentido próprio da palavra. Um dos últimos sebastianistas genuínos, quanto eu saiba, foi Frei José Leonardo da Silva, o adversário turbulento do não menos turbulento José Agostinho de Macedo ele previa a vinda do seu Rei Desejado para o ano de 1812. Os outros eram liberais, conservadores, absolutistas, etc. Mas é curioso verificar que também entre os «progressistas» da época havia bandarristas fervorosos.

Concluindo este pequeno trabalho, quero ainda dizer umas palavras sobre a perseguição a que estiveram expostas as trovas do Bandarra nos séculos XVI, XVII e XVIII.

Os profetas são elementos incómodos para a ordem estabelecida, porque denunciam os males da época e abrem os horizontes para um futuro em que reinará uma ordem de natureza superior, tanto no terreno religioso, como social e político. Os profetas são perseguidos, e as profecias são suspeitas às autoridades. Longe de mim a intenção de proclamar o sapateiro de Trancoso profeta da categoria dos profetas bíblicos ou de outros grandes visionários da humanidade. Bandarra era um simples sonhador, mas um sonhador sincero, que nos seus toscos versos dava forma ao que via no coração de muitos Portugueses. Ninguém o exprimiu melhor do que Fernando Pessoa:

Sonhava, anónimo e disperso,
o Império por Deus mesmo visto,
confuso como o Universo,
e plebeu como Jesus Cristo.

Não foi nem santo nem herói,
mas Deus sagrou com Seu signal
este, cujo coração foi
não Português, mas Portugal.

Resumindo as vicissitudes das trovas, já vimos que Bandarra foi condenado a abjurá-las solenemente no auto-da-fé de 1541. As suas profecias foram novamente proibidas pelo Santo Ofício em 1581. A um breve período logo depois da Restauração, em

que o sapateiro quase chegou a ser canonizado, se seguiu uma nova proibição das suas trovas em Novembro de 1665. Algum tempo depois, o seu «Mausoléu» na igreja de Trancoso foi demolido.

Mas quem mais sistematicamente perseguiu as trovas do Bandarra foi o Marquês de Pombal, envolvendo-as na sua luta implacável contra a Companhia. Além de proibir e queimar diversas obras que continham matéria bandarrista, ele fez José de Seabra da Silva formular a inepta acusação de ser António Vieira o verdadeiro autor das trovas. Quais eram os fundamentos em que fundava a sua acusação? O argumento principal era a perfídia dos jesuítas, combinada com a sua volúpia do poder: eles não recuavam de nenhuma mentira ou fraude para realizar o seu plano diabólico de sujeitar o mundo ao arbítrio da Companhia. A causa ocasional seria a atitude hostil dos jesuítas com a Casa de Bragança em 1580/81; sessenta anos depois, ao verem-na em plena ascensão, sentiam-se comprometidos, e tentando captar as boas graças do novo monarca, incentivaram o engenhoso Vieira a forjar as trovas. Eis três trechos elucidativos da famosa *Dedução*:

Julgando-se os ditos regulares pelos merecimentos das referidas culpas (o que tinham cometido e maquinado para excluir a Casa Sereníssima destes Reinos, e para fazerem unir Portugal a Espanha), deviam temer necessariamente que o princípio do reinado do dito Senhor D. João IV seria o fim da Companhia denominada de Jesus, não só nestes Reinos, mas em todos os domínios de Portugal. [...] E logo puseram em público, para exercitar aquele ministério, o ardente engenho e turbulento espírito do seu António Vieira, então celebrado de muitos, e de poucos conhecido ainda até agora. Meteu-se pois em obra o referido António Vieira. Compôs as trovas, cujo título é: *Profecias de Gonçalíanes Bandarra, sapateiro de correa, natural da Villa de Trancoso*. Anno de 1640. [...] Esta maquinação das mesmas chamadas profecias de Gonçalíanes Bandarra, pelas quais António Vieira merecia os castigos, que as leis estabelecem contra os impostores insignes e famosos, o habilitou, muito pelo contrário, para ser inventor, causa e instrumento dos outros enganar, desordens e ruínas, que vou substanciar...

De todos os comentários absurdos que, no decorrer dos séculos, se teceram às trovas do Bandarra, este é o mais absurdo.

As proibições promulgadas pelo Santo Ofício e, na Era das Luzes, pela Mesa Censória, se seguiram, no início do século XIX, as virulentas invectivas do P.^o José Agostinho de Macedo no seu panfleto: *Os Sebastianistas. Reflexões críticas sobre esta ridícula seita* (1810). Mas a «ridícula seita» resistiu aos opróbrios do padre fogoso, como antes resistira às condenações oficiais. Continuava a debruçar-se piedosamente sobre as trovas do Bandarra, procurando nelas a decifração do mistério da história. Que outra coisa é a profecia senão uma tentativa de dar um sentido (divinamente garantido) ao processo histórico? Parece que só em meados do século XIX os oráculos autênticos e apócrifos do sapateiro de Trancoso foram perdendo a sua auréola de profecias. As trovas, veneradas e interpretadas por dez gerações de messianistas de diversos matizes, passaram a ser uma curiosidade folclórica e um documento histórico. A crença em profecias já não se compadecia com as novas condições sociais e culturais. Liberalizada e secularizada, a sociedade portuguesa foi tomando caminhos mais racionais para compreender e interpretar o seu destino histórico.

Nota à página 26 :

(¹) Sigo aqui a lição do cod. 11133^oF (folha não numerada) da Biblioteca Nacional de Lisboa, onde lemos a anotação de que estas trovas «mostrão a fatura [sic] do Convento de Mafra, e o grande Tisouro que nelle se gastou, e com abertura dos caminhos e estradas no Val para hirem as Reais pessoas a Mafra. E na dita factura insperarão [=expiraram?] e se arrastarão muitos do Povo, que sofrerão grandes ustelidades».

* Professor jubilado da Universidade Católica de Nijmegen (Holanda).

Referência

BESSELAAR, J. van den - As Trovas do Bandarra. *Revista ICALP*, vol. 4, Março de 1986, 14-30.